

A DANÇA DE SALÃO NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO SOB A ÓTICA DE TRÊS PROFISSIONAIS DE UMA INSTITUIÇÃO EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

BALLROOM DANCE IN THE PERSPECTIVE OF INCLUSION: THE VIEW OF THREE PROFESSIONALS OF AN INSTITUTION IN BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

Vandence Xavier da Silva¹

Letícia Aparecida Vilano Alves²

Carla Jorge Machado³

RESUMO:

O presente artigo apresenta uma análise da dança de salão praticada e ensinada a indivíduos com Síndrome de Down, em uma instituição localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais. Foi feita uma articulação das falas do idealizador do instituto, da coordenadora, e da professora de dança. Para esse percurso foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Bardin. Após análise das falas dos participantes, foram encontradas evidências de três categorias: proposta metodológica das aulas de dança; dança de salão e inclusão; potencialidades e desafios. Concluiu-se que há dificuldades, em parte devida à indisciplina, comum a qualquer turma de alunos, mas, é inegável o papel importante da dança na melhoria da inclusão e autonomia dos indivíduos com SD.

PALAVRAS-CHAVE: Dança de Salão; Síndrome de Down; Inclusão.

ABSTRACT:

This paper presents an analysis of ballroom dancing practiced and taught to individuals with Down Syndrome in an institution located in Belo Horizonte, Minas Gerais. The speech of the institute's creator, coordinator and dance teacher was articulated to build categories for analysis, using content analysis proposed by Bardin. After analyzing the participants' speeches, three categories were detected: methodological proposal of the dance classes; ballroom dancing and inclusion; potentialities and challenges. It was concluded that there are difficulties, partly due to indiscipline, common in any class of students, but it is undeniable the essential role played by practicing dance in improving the inclusion and capacity of students with DS.

KEYWORDS: Ballroom Dancing; Down Syndrome; Inclusion.

¹ Bacharela e Licenciada em Educação Física. Professora na Academia Corpo e Água (Belo Horizonte/MG).

² Bacharela e Licenciada em Educação Física. Professora na Academia Fox Fit (Belo Horizonte/MG).

³ Doutora em Population Dynamics pela Johns Hopkins University (Estados Unidos), pós-doutora em Saúde Coletiva/Epidemiologia, mestra em Demografia e graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9799543313637032>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

01 – INTRODUÇÃO

A dança é uma manifestação artística muito antiga no mundo. Trata-se de um tipo de atividade física que pode proporcionar diversos benefícios para o corpo e uma qualidade de vida satisfatória. Possibilita, ainda, que haja, entre seus praticantes, alegria, descontração e melhoria da autoestima (MOMMENSOHN; PETRELLA, 2006). Para Santos, Gutierrez e Roble (2019), esse conjunto de características positivas ocorre quando a dança transcende sua condição de atividade física, ao gerar algum tipo de significação para aqueles que a praticam. Para Santos, Gutierrez e Roble (2019, p. 272)

No fim dos anos 1960, a legitimidade das modalidades físicas e a relação do homem com os outros e com o mundo cresceram com o feminismo, ao mesmo tempo em que a "revolução sexual", a expressão corporal, o *body-art*, a crítica do esporte e as terapias alternativas deram espaço para um novo imaginário do corpo luxuriante que criticava a condição corporal das pessoas. Como essa legitimidade torna a relação com o mundo incerta, o indivíduo busca (considerando as suas marcas) produzir um sentimento de identidade mais favorável, hesita, de certa forma, contra o encarceramento físico do qual é objeto. Tende assim a direcionar uma atenção redobrada ao corpo, local onde ele se separa dos outros e do mundo, onde o corpo enquanto lugar do rompimento e da diferenciação individual tem o privilégio de alcançar uma possível reconciliação.

Segundo Mommensohn e Petrella (2006), a dança é considerada por Laban uma forma de educar e era necessário construir uma maneira de dançar que fosse capaz de conter todas as possibilidades do corpo. Com isso, Laban foi considerado o primeiro cientista moderno da dança, onde lançou as bases de uma nova dança, elaborando os componentes essenciais do movimento corporal: espaço, tempo, peso e fluência (MOMMENSOHN; PETRELLA, 2006).

A forma da dança em casal foi levada pelos colonizadores europeus para várias regiões da América dando origem a diversos ritmos, como o tango; o maxixe, que deu origem ao samba de gafieira, no Brasil; os ritmos cubanos; o jazz. No Brasil, a dança de salão foi introduzida no ano de 1914, quando uma bailarina, que fugiu da I Guerra Mundial, aportou-se em São Paulo e ensinou a valsa e outros ritmos tradicionais para a sociedade paulista (ROCHA, 2007). No Rio de Janeiro, a dança cresceu a partir das influências de uma bailarina chamada Marieta Antonieta que, com

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

várias outras influências, fizeram o bolero e o samba se tornarem muito famosos no Brasil (ROCHA, 2007).

Nesse sentido a dança de salão tem sido utilizada como benefício pelos aspectos lúdicos que o movimento, a música ou sons proporcionam, criando a oportunidade para a facilitação do movimento, da reabilitação ou reeducação do gesto (CASTRO 2005). A dança de salão evoluiu, e os pares passam a interagir mais e serem mais participativos e se expressam cada vez mais (ALMEIDA, 2005).

Tendo em vista serem muitas as oportunidades com a dança, passa-se a pensar na interseção entre a dança e a deficiência, sendo esta interseção um lugar extraordinariamente rico para se explorar as construções sobrepostas da habilidade física do corpo, da subjetividade e da visibilidade cultural. Procurar e resgatar o significado destas construções é como fazer uma 'escavação arqueológica' para dentro das fragilidades psíquicas que a deficiência cria (ALBRIGHT, 1997). Santos, Gutierrez e Roble (2019, p. 272) elaboram o seguinte raciocínio:

a discussão sobre dança se amplia à medida que a diferença entre formas de expressão é conjugada com a diferença entre corpos. Notamos ainda que a inserção das pessoas com deficiência na dança supõe a quebra de alguns paradigmas, estigmas e padrões, principalmente aqueles relacionados à estética do corpo considerado “adequado” ou “perfeito” para a dança.

A Síndrome de Down (SD), descrita por John Langdon Down, é uma condição genética que apresenta alterações cromossômicas gerando mudanças fenotípicas presentes já ao nascimento. Essas limitações do desenvolvimento podem ser superadas, desde que essa criança seja estimulada intensamente e que essa estimulação perdure até a fase adulta (SCHWARTZMAN, 1999). As pessoas com SD possuem dificuldades de ajustes ou mudanças relacionadas fundamentalmente com parâmetros do movimento, apresentando dificuldade do controle postural, ocasionado por alterações no sistema vestibular, o que resulta em uma forma de andar diferenciada (GIMENEZ, 2005). Para Tempiski e colaboradores (2011), que propuseram um protocolo de cuidado à saúde à pessoa com SD em todo o seu curso de vida (p. 175):

Sabe-se que as pessoas com síndrome de Down, quando bem atendidas e estimuladas, têm potencial para plena inclusão social

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Uma maneira bem eficiente de se trabalhar a dança com as pessoas com SD é por meio da dança educacional recreativa, sendo uma excelente forma de estabelecer a saúde, aptidão física, autoconfiança, equilíbrio emocional, integração social, entre outros benefícios por ser um método que não enfatiza a técnica, e sim, propõe que as pessoas adaptem os exercícios ao seu dia-a-dia, e ao seu meio, proporcionando liberdade de movimentos (MAIA e BOFF, 2008). Assim, seria uma forma também de se pensar a arte. Segundo Tempski e colaboradores (2011; p.184) a equipe que dá suporte a uma pessoa com SD deve oportunizar a participação em

oficinas de vivência artística, teatro e geração de renda, além de grupos de condicionamento físico

A abordagem de pessoas com deficiência por meio da dança, promovendo a qualidade de vida desses indivíduos, é feita em um instituto no município de Belo Horizonte, Minas Gerais, cuja casa modelo conta com um espaço multidisciplinar do acolhimento a esses indivíduos. Surgiu da idealização de um grupo de pessoas que acreditou nas capacidades das pessoas com SD. Teve sua fundação em 2010. O projeto objetiva minimizar a invisibilidade social para que as pessoas com SD tenham liberdade para conduzir a própria vida, com mais autonomia, mesmo que, para isso, seja necessário suporte por partes de amigos, familiares e de outras pessoas do meio social. As pessoas com SD podem e devem fazer suas próprias escolhas e ter projetos de vida. Assim, a prática da dança de salão é feita nesse instituto que promove a inclusão da pessoa com SD e têm consonância clara com seus objetivos, tendo em vista que, segundo ALMEIDA (2005, p. 133)

a prática da dança de salão pode ser vista sob a ótica do desenvolvimento de comunicação entre os participantes destes grupos, com propriedades para desenvolver as relações interpessoais, as aptidões e os novos interesses, relacionados ou não as tarefas diárias, proporcionadas pelas atividades culturais, físicas e do lazer que se fundamentam no interesse dos indivíduos, e, aumentam o nível geral de entendimento da realidade física e social.

Diante dessas constatações, esse trabalho tem como objetivo descrever a prática da dança de salão nesse instituto por meio das falas de alguns de seus profissionais envolvidos, compreendendo seus efeitos sob o aspecto da inclusão.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

02 – MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de pesquisa qualitativa do tipo descritiva que utilizou a observação e a entrevista semiestruturada. A coleta de dados aconteceu em uma instituição multidisciplinar de acolhimento ao indivíduo com SD e inicialmente foi feito um contato prévio com os responsáveis pela instituição informando os objetivos da pesquisa e solicitando a autorização para a sua execução.

A observação foi feita por duas das autoras desse trabalho (VXS e LAVA), que acompanharam as aulas de dança de salão na instituição uma vez por semana, ao longo de 6 meses. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas pelas próprias pesquisadoras e aplicadas para a professora de dança de salão (entrevistada 3), a coordenadora geral do projeto (entrevistada 2) e ao fundador e idealizador do instituto (entrevistado 1).

A análise de dados foi feita por meio da proposta de análise de conteúdos de Bardin onde procurou-se identificar categorias específicas nas falas dos entrevistados. Campos (2011) aborda amplamente a técnica de Bardin e a análise de conteúdo e, em trecho de seu artigo, explica que:

é importante que os resultados da análise de conteúdo devam refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos no conteúdo das comunicações

As entrevistas foram feitas individualmente, com perguntas distintas e abertas, referente à inclusão, dança e percepção das atividades entre os alunos. Do instituto foram entrevistados: idealizador do instituto (entrevistado 3), coordenadora do instituto (entrevistada 2), professora de dança (entrevistada 1).

Os participantes receberam todas as informações sobre a pesquisa e sobre as questões éticas envolvidas nos termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa. Aqueles que concordaram em participar assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e estavam cientes de que a participação era anônima e voluntária.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

03 – RESULTADOS

Após análise das falas dos participantes deste estudo, foram encontradas evidências de três categorias: (A) proposta metodológica das aulas; (B) dança de salão e inclusão; (C) potencialidades e desafios.

Quanto à *categoria A – proposta metodológica das aulas* – observou-se que as aulas de dança de salão são planejadas com antecedência. Apesar do referido planejamento, modificações são feitas ao longo do processo, como pode ser observado na fala da professora (entrevistada 1)

eu vou dar uma aula eu planejo a minha aula, eu vou trabalhar hoje coordenação motora, criatividade, ou eu vou trabalhar condução e resposta então é tudo é planejadinho no papel, mas pode acontecer de mudar tudo (entrevistada 1; professora)

vou vendo como a aula vai fluindo e eu vou fazendo o meu trabalho, vou anotando e vendo os pontos positivos e negativos pra saber o que eu posso trabalhar a próxima semana com eles (entrevistada 1; professora)

As orientações de uma aula de dança de salão no instituto seguem uma lógica convencional, portanto. Mas, com pequenas adaptações, quais sejam: o aluno tem que manter o contato visual o tempo todo, pois, caso não haja, os alunos não assimilam e não conseguem executar o movimento. Ainda que o contato visual seja valorizado, alguns alunos necessitam mais do tato, indicando, por exemplo, o lado direito, e o lado esquerdo, pedindo ao aluno, por exemplo, que toque na perna direita e na esquerda. Assim são feitas as adaptações para que o aluno no passo básico entenda para qual lado se direcionar – na lógica de 'dois pra lá e dois pra cá'.

Quanto ao cronograma, a aula acontece uma vez por semana, com a duração de uma hora por dia, pois há outras atividades e oficinas no instituto.

Quanto aos ritmos, inicialmente foi trabalhado o ritmo forró, por ser um ritmo universal e de mais fácil aprendizado, com isso despertando interesse para outros ritmos. Após tal etapa é realizada uma votação entre os alunos para escolha do ritmo que mais gostaram. Nesse ponto há um entrelaçamento desta categoria com a *categoria B – dança de salão e inclusão* – uma vez que dentro da proposta metodológica há espaço para a inclusão e a para a participação. Pelos três entrevistados foi relatado que os alunos são preparados para apresentações externas

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

e multidisciplinares. O idealizador do instituto relata algo que se relaciona com a inclusão, informando que os alunos:

ganham protagonismo, visibilidades, oportunidades, além de muitos serem remunerados por isso, aqueles que se destacam (entrevistado 3, idealizador).

Há ao longo do tempo melhora da inibição, socialização, os alunos se tornam confiantes e aprendem a respeitar os limites no contato com o outro. Sobre a inibição, nota-se que, segundo as falas da professora:

muitas das vezes eles procuram a dança de salão pra aumentar a autoestima, pra socializar, pra aprender a dançar, então são motivos assim, até bem parecidos (entrevistada 1, professora).

o aluno a vezes chega muito tímido, cabeça baixa, ele aprende a se valorizar, ele aprende que ele também é bonito, que ele também pode dançar (entrevistada 1, professora).

Com o tempo, tornam-se, assim, cada vez mais capazes de realizar suas atividades do dia a dia, como qualquer outra pessoa, participando do mercado de trabalho e da sociedade como um todo, conforme relato da professora:

saber não só como se orientar no espaço, mas também o relacionamento com o outro, o dançar a dois, o respeito, o limite do outro né, até onde o outro da conta de ir, saber o seu lugar né atenção, saber esperar, e resolver suas atividades do dia-dia, trabalhar a atenção (entrevistada 1, professora)

Através da dança de salão é possível estimular sua autonomia, inclusão social, podendo ser reconhecido e valorizados, gerando possibilidades. Outro ponto importante de ser analisado, na fala dos entrevistados, é o apoio que recebem da instituição para executarem seu trabalho, temos um exemplo claro de uma educanda que se formou no curso de massoterapeuta, e dentro do próprio instituto, teve oportunidade de realizar seus atendimentos e montar sua própria sala para atender clientes internos e externos, sendo remunerada por isso. A grande maioria aprende a realizar tarefas por vontades próprias, tendo mais atitudes, como por exemplo auxiliando a professora nas aulas, apoiando aqueles educandos que tem maior dificuldade, ou auxiliando com a música:

Eles estão aprendendo muita coisa que eles não faziam, só se eles fossem mandados, né? Agora eles têm atitude! A palavra é atitude (entrevistada 1, professora)

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Quanto à categoria C, potencialidades e desafios, em relação aos desafios a serem superados, os entrevistados elencaram a frequência dos alunos ao longo do projeto. As turmas mudam muito, pois a entrada e saída de novos alunos é contínua:

os educandos param de fazer as aulas, e a qualquer momento, recebemos novas matrículas, por exemplo, não temos matrículas só em fevereiro, temos matrículas contínuas, então isso é um grande desafio para nós [...] (entrevistada 2, coordenadora).

Por se tratar de uma turma muito heterogênea, recebemos alunos com vários graus de dificuldades, onde a professora teve que por várias vezes retomar ao início do processo metodológico de aprendizagem para que os novos alunos conseguissem acompanhar e permanecer no mesmo nível que os demais alunos (entrevistada 2, coordenadora).

assim uns sabem muito e outros tem mais dificuldades, uns já estão bem adiantados, que a gente olha e fala nossa ele dança muito, já sabe muito, então é assim uma turma muito heterogênea (entrevistada 1, professora).

Um outro fator importante refere-se à chamada indisciplina. Quando isso ocorre, um aluno que não quer fazer aula, acaba influenciando outros participantes, com generalização desta atitude, como em qualquer escola regular. Nestes casos, é necessário, então, reconduzir a aula na tentativa de atrair esse aluno, chamando a sua atenção através de estímulos visuais e táteis. Desta forma, essa indisciplina, constitui-se em um outro desafio. Muitas vezes o aluno é convidado a fazer a aula ao lado da professora a fim de que seja retirado o foco da indisciplina. Caso, ainda assim, a conduta do professor não for suficiente, o aluno é convidado a fazer outra atividade, como por exemplo, com apoio direto da área de psicologia ou da área de pedagogia. Na fala da professora

tem uns as vezes que vai a aula e não querem fazer a aula de dança, né acontece (professora, entrevistada 1)

aquele adolescente que entra e não quer fazer a minha aula, ele quer bagunçar, ele vai querer fazer bagunça (professora, entrevistada 1).

Miura e Lima (2017) concordam que esse comportamento existe e ressaltam que é possível revertê-lo. Miura e Lima (2017) ressaltam a importância do conjunto de habilidades de manejo, que inclui um roteiro de conduta para professores, e ressaltam que traz resultados bastante positivos (MIURA e LIMA, 2017, p. 17722):

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Quando o indivíduo que apresenta comportamentos aberrantes ou inadequados é uma pessoa com deficiência, há uma tendência de se atribuir tais condutas como sendo próprias da condição de deficiência. No cotidiano escolar as demandas de alunos com síndrome de Down nas escolas comuns e nos serviços de atendimento especializado são crescentes. (...) quando os professores começam a utilizar o conjunto de habilidades de manejo de comportamento em sala de aula, essas se generalizam para outros contextos, tais como, em situações com os demais alunos da classe e durante atividades fora da sala de aula. As habilidades de manejo ensinadas produziram aumento da frequência de ocorrência de condutas pró-sociais.

Avançando na categoria C, é possível observar as potencialidades da dança. Parafraseando a entrevistada 2, coordenadora, fica claro para ela que a dança é um meio de promover a socialização, disciplina; a dança mostra a essência por meio da arte, do respeito e do direito a individualidade, impondo certos limites, necessários a toda relação humana. Para a coordenadora, a inclusão é uma forma onde todos conseguem interagir, deficientes ou não. Em sua fala:

A dança inclusiva é um espaço de possibilidades das potencialidades dessas pessoas com deficiências (entrevistada 2, coordenadora)

Ainda, segundo o idealizador do projeto

então no meu entendimento a dança contribui sim, e a gente mede isso [desenvolvimento das habilidades dos alunos] (coordenador, entrevistado 3).

Na fala da professora, há também evolução clara dos alunos. Para ela, após as aulas de dança de salão os alunos passaram por a ter mais autonomia, dialogo com as pessoas, de maneira que já questionaram decisões (*por que vamos fazer assim? podemos colocar este passo?*) passaram a ter autonomia e muito mais atitude:

eu reparo que hoje eles têm atitude, hoje eles já fazem mais o uso da linguagem, hoje eles já conversam mais com gente, eles já falam o que é bom pra eles, o que não é, num diálogo, muito bacana (entrevistada 1, professora).

Para Miura e Lima (2017) essa abordagem, no ensino em geral, e especialmente em pessoas com deficiência, é muito importante. As autoras indicam que (MIURA e LIMA, 2017, p.17724):

Fatores tais como a atenção do professor aos questionamentos do aluno, proposição de tarefas motivadoras, etc, têm sido considerados elementos importantes no ensino.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

04 – CONCLUSÃO

Este estudo buscou compreender a dança na vida das pessoas com SD. Segundo Santos, Gutierrez e Roble (2019, p. 275):

Independentemente dos corpos que a praticam, a dança é sempre uma vivência unificada do sensível e do inteligível, do sentir e do saber, do corpo em sua totalidade, que revela a significação da conexão existente entre um sujeito e o mundo que o cerca. Em vez de exigir que os corpos sigam códigos inflexíveis de movimento e privilegiar apenas a aquisição de habilidades motoras, o que fragmenta as experiências individuais e descarta sua criatividade, a dança permite o respeito à singularidade de o indivíduo ser e se expressar no mundo. Os corpos dançantes traduzem ideias e sentimentos, usam a própria linguagem corporal, caracteristicamente singular e única. Por isso, não importa se o corpo que dança tem deficiência física, intelectual ou visual, se é idoso ou, como alguns afirmam, "normal". O normal é a singularidade, a dança legitima as diferenças e destaca a riqueza que existe na diversidade humana

A dança de salão no instituto possibilita a inclusão, sendo esta a principal conclusão do presente estudo. Ainda que haja desafios, como indisciplina e dispersão da atenção, esses são contornados pela professora, que se dispõe a trabalhar com os participantes esses acontecimentos, de forma pronta e inclusiva. São inúmeros os benefícios que a dança de salão promove para o processo de inclusão por meio da expressão corporal. Assim, a dança possibilita a socialização, a potencialização da autonomia, quebrando barreiras para integrá-los à sociedade em todas as suas formas e possibilidades.

05 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRIGHT, Ann Cooper. Movendo-se através da diferença: dança e deficiência. Tradução e Revisão de Consuelo Vallandro Barbo e Mônica Fagundes Dantas. *Cena*, Porto Alegre/RS, n. 12. p. 1-30. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/37658/24312>. Acesso em 02 out. 2019

ALMEIDA, Cleuza Maria de. Um olhar sobre a prática da dança de salão. *Movimento & Percepção*, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/include/getdoc.php?id=153&article=41&mode=pdf>. Acesso em 02 out. 2019.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

SILVA, Vandenice Xavier da; ALVES, Letícia Aparecida Vilano; MACHADO, Carla Jorge. A Dança de Salão na Perspectiva da Inclusão sob a Ótica de Três Profissionais de uma Instituição em Belo Horizonte, Minas Gerais.

CAMPOS, Claudinei José Campos. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF), set/out 2004, vol. 57, n. 5, p. 611-614. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em 02 out. 2019

MAIA, Aline Vidal, BOFF, Sérgio Ricardo. A Influência da dança no desenvolvimento da coordenação motora em crianças com Síndrome de Down, *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 144-154, jul. 2008 Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637820/5511> . Acesso em 02 out. 2019

MIURA, Regina Keiko Kato; LIMA, Miriam Nascimento de. Práticas inclusivas sobre manejo de comportamento em crianças com síndrome de Down. *In: Seminário Internacional sobre Representações Sociais, Subjetividade e Educação-SIRSSE, IV, e Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente-SIPD/Cátedra Unesco, VI, 2017. Anais... 2017.* Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/27150_14344.pdf. Acesso em 03 out 2019.

MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA Paulo (orgs). *Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento*. São Paulo: Summus, 2006.

ROCHA, Guilherme Silva. *Reflexões sobre a pedagogia da dança de salão*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, 2009.

SANTOS, Renata Ferreira dos; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ROBLE, Odilon José. Dança para pessoas com deficiência: um possível elemento de transformação pessoal e social. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre/RS, set. 2019, vol. 41, n. 3, p. 271-276. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v41n3/0101-3289-rbce-41-03-0271.pdf>. Acesso em 02 out. 2019.

TEMPSKI, Patricia Zen; MIYAHARA, Kátia Lina; ALMEIDA, Munique Dias; OLIVEIRA, Ricardo Bocatto de; OYAKAWA, Aline; BATTISTELLAS, Linamara Rizzo. Protocolo de cuidado à saúde da pessoa com síndrome de Down-IMREA/HCFMUSP. *Acta Fisiátrica*, São Paulo/SP, v. 18, n. 4, p. 175-186, 2011. Disponível em: http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_artigo.asp?id=12. Acesso em 02 out. 2019.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 01 Páginas 01-11
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	